

## PARA ALÉM DE UMA GEOGRAFIA HOMOGÊNEA: RELATO DE UM MINICURSO SOBRE DISCUSSÕES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E QUESTÕES ÉTICO-RACIAIS NO ENSINO GEOGRÁFICO

**Tamires Cristina de Souza Dalla Vecchia**

*Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso - MT, tamires.cristina@unemat.br;*

**Higor Lopes Andrade**

*Graduando pelo Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso - MT, andrade.higor@unemat.br.*

### Resumo

No presente texto buscamos relatar as experiências vivenciadas em um minicurso realizado em no XIX Semana de Geografia (SEMAGEO) evento realizado pelo curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso que traz a Geografia da Diversidade como temática principal buscando trazer contribuições geográficas sobre assuntos que vêm cada vez mais sendo discutidos na atualidade, sendo esses, gênero, sexualidade e questões étnico-racial. O minicurso teve como objetivo principal entender a contextualização da geografia da diversidade, buscando identificar suas diversas abordagens e compreender sua presença nos ensinamentos fundamental e médio, dentro das escolas. Como metodologia foi dividido em dois momentos, sendo um teórico, com discussões trazidas de acordo com referenciais teóricos e outro com práticas, onde foi realizado dinâmicas para melhor entendimento dos assuntos em questão. Para finalizar o minicurso foi realizada uma roda de autoavaliação, para poder discutir como deve-se agir com relação a esses temas. Então através das discussões realizadas foi possível perceber que há

uma grande resistência por parte da comunidade escolar em relação a tratar temas como esses dentro das escolas, e uma grande falta de preparação para os professores, visto que dos participantes apenas uma professora tinha conhecimento sobre um dos assuntos discutidos.

**Palavras-chave:** Diversidade, Ensino, Geografia, Sexualidade, Gênero.

## Introdução

No presente texto buscamos relatar as experiências vivenciadas em um minicurso realizado na XIX Semana de Geografia (SEMAGEO) “O mundo é um só? E, por conseguinte, a Geografia é uma só?”, que ocorreu no período de 4 a 9 de novembro de 2019, o evento foi realizado pelo curso de Geografia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

O minicurso trouxe a Geografia da Diversidade como temática principal buscando trazer contribuições geográficas sobre assuntos que vêm cada vez mais sendo discutidos na atualidade, sendo esses, gênero, sexualidade e questões étnico-racial. O trabalho teve como objetivo principal entender a contextualização da geografia da diversidade, buscando identificar suas diversas abordagens e compreender sua presença nos ensinamentos fundamental e médio, dentro das escolas.

## Metodologia

O presente trabalho foi apresentado em um evento acadêmico, no formato de minicurso, onde a maioria dos participantes eram professores da rede básica e acadêmicos do próprio curso. Logo a pesquisa foi dividida em partes, primeiro a teórica, onde ela perspectiva-se pela abordagem qualitativa (MINAYO, 2002), do tipo descritiva, com a intenção de buscar informações para responder os questionamentos levantados (TRIVIÑOS, 1987), logo foi feito o uso da pesquisa bibliográfica, sendo inteiramente executada com materiais já elaborados sobre o assunto, constituído principalmente de artigos científicos e livros de autores com grande compreensão sobre o assunto abordado (GIL, 2002).

Na prática onde diz respeito ao minicurso em si, foi apresentado um resumo da teoria levantada, para contextualizar o assunto com os participantes, houve também uma roda de conversa onde os participantes poderiam levantar dúvidas e posicionamento sobre essa temática, e para finalizar como uma forma de fixar os temas discutidos foi construído um mural onde os participantes expuseram em forma de forma criativa sua visão de diversidade em bonecos e colocaram frases comuns no seu dia a dia que refletiam o preconceito enraizado na sociedade e no ambiente escolar.

## Referencial teórico

### Geografias feministas

Antes de começarmos a discorrer sobre os pontos elencados deste artigo, é importante darmos alguns significados como neste caso o significado da palavra gênero, já que iremos tratar sobre feminismo. Gênero na gramática “o gênero é compreendido como uma forma de classificar fenômenos” (SCOTT, 1990), já para Joan Scott e outros pesquisadores da área

[...] o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” - a criação inteiramente social de idéias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e de mulheres. “Gênero” é, segundo esta definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado. (SCOTT, 1990, p. 75)

A primeira organização feminista que se ouviu falar foi datada do final do século XVIII, na Revolução Francesa que ficou conhecido como “sufragista” e que caracteriza a primeira onda feminista (BITTENCOURT, 2015). Dentro da história do feminismo algumas autoras dividem em três ondas, com pautas relevantes para cada época.

A primeira onda “funda-se na ideologia burguesa e na busca por um conceito ampliado de cidadania, incluindo as mulheres, os homens negros e parte das camadas populares” (BITTENCOURT, 2015, p. 199). A segunda onda foi entre a década de 1960 e 1980, onde criticava o caráter burguês liberal da primeira, em vista de só buscar beneficiar as mulheres brancas e de classe média, com isso começou a entrar na discussão recortes de raça e classe. E por último a terceira onda “traria o momento atual do feminismo e sua representação e atuação como continuidades da segunda onda após a década de 1990” (BITTENCOURT, 2015, p. 199).

Na geografia trazer temáticas como feminismo, sexualidade, gênero e raça é contribuir teórico e metodologicamente com novas possibilidades para refletir e transformar o mundo em que vivemos, por isso, surgiu a geografia feminista e geografia de gênero, que segundo Silva (1998, p.108)

a primeira como aquela que busca uma transformação não só da Geografia, mas também da forma como vivemos e trabalhamos e a Geografia de Gênero trata o gênero como uma dimensão da vida social que deve ser incorporada nas estruturas existentes.

Sendo assim a geografia feminista traz contribuições de teóricas feministas junto com contribuições de fatos geográficos, trazendo recortes como raça, sexualidade e classes sociais, e é por isso que atualmente se usa o termo “geografias feministas” no plural, para expressar a pluralidade científica e ideológica existente.

### **Geografia da diversidade**

A geografia, assim como varias outras ciências e a sociedade em si, desde sempre foi hegemônica e androcêntrica, o que torna evidente a invisibilidade feminina dentro das universidades. Então a partir da ascensão da geografia feminista, falada no tópico anterior, geografias brancas dentro das universidades começou a se movimentar e “deflagrou um importante debate epistemológico que acabou por reconhecer a geografia como um saber moderno, eurocêntrico, masculino, branco e heterossexual” (SILVA, 2010, p. 41) e a partir deste movimento também surgiu iniciativas de trazer para dentro das produções científicas, grupos ausentes, como estudos sobre mulheres, gays e lésbicas, evidenciando principalmente suas expressões materiais de produção do espaço.

A geografia da sexualidade “se constitui em forte crítica teórico-metodológica da ciência geográfica, e a noção desconstrucionista sobre a sexualidade permite a emergência da chamada Geografia queer” (SILVA, 2010, p.43), geografia essa que foi inspirado da obra de Michel Foucault e desenvolvido mais expressivamente por Judith Butler. A geografia então evidencia, através da representação social, a importância da incorporação do espaço e do tempo nas análises das experiências da vivência cotidiana, por causa da ordem compulsória de gênero da sociedade heteronormativa.

### **Questões Étnico-Raciais**

A discussão de raça, gênero e sexualidade é um tema urgente para ser pensado e discutido na formação docente e para a construção

do conhecimento do discente. A sociedade brasileira é constituída através da escravidão, de acordo com Ribeiro (2019) discutir sobre o racismo no Brasil é debater a estrutura já constituída e enraizada nos pré-conceitos. Perante Porto Gonçalves e Quental (2012) a forma como a América foi colonizada influencia imensamente na forma como a sociedade hoje se expressa, os preconceitos e inferiorização de classes é gerada pelo colonialismo.

Segundo Porto Gonçalves e Quental (2012) as classificações sociais não são algo posto naturalmente ou biologicamente, mas sim uma construção histórica erguida nas relações sociais, criando uma relação de poder. A ideia de racismo vai surgir então devido a criação da divisão de “raças”. A necessidade de diferenciar o colonizador e o colonizado.

Para Quijano (2005) “na América, a idéia de raça foi uma maneira de outorgar legitimidade às relações de dominação impostas pela conquista”. O conceito de raça para a modernidade vai surgir então após o descobrimento das Américas. É a partir desse momento que surge o Eurocentrismo e com isso a naturalização do conceito de raça é espalhado, criando assim o instrumento de dominação a superioridade e inferioridade.

Conforme Ribeiro (2019) a população brasileira acredita que a escravidão no Brasil foi inferior as de outros países, negando assim a ideia de racismo, entretanto sabe-se que tivemos uma cultura escravocrata muito intensa e que reflete até hoje na sociedade, sendo assim, temos um racismo estrutural. Esse racismo faz parte das relações sociais e culturais, fazendo com que não precisa-se da vontade para manifestar atitudes racistas.

Pouco se discute a história por inteira da escravidão, muitos fatos são deixados de lado ou visto como “desnecessários” para o aprendizado. Assuntos como o corpo da mulher negra são negligenciados nas discussões sobre a escravidão, Angela Davis (2016) relata que “Como fêmeas, as mulheres escravas estavam inerentemente vulneráveis a todas as formas de coacção sexual. Se a mais violenta punição dos homens consistia nos castigos e mutilações, as mulheres eram castigadas e mutiladas, bem como violadas.” Discutir temas como esses fere a cultura racista, o que leva as pessoas a crerem que esses assuntos podem gerar conflitos que muitos acreditam ser inútil para a construção do pensamento crítico.

## Resultados e discussão

### Base Nacional Comum Curricular e Diversidade

O assunto gênero e diversidade sexual só foi inserido dentro da educação no Brasil, a partir da VI Conferência Nacional de Educação (CONAE/2010), que trouxe um eixo específico, que abordou diversas sugestões de políticas sobre temas variados, tendo em vista a atual realidade do país, chamado “Justiça Social, Educação e Trabalho: Inclusão, Diversidade e Igualdade”, esse documento mostra que houve grandes avanços sobre as demandas sociais.

Porém como assuntos como gênero e diversidade sexual são considerados impróprio para o meio escolar, ficou cada vez mais difícil de inserir nos documentos oficiais ao qual se respalda a educação brasileira, como exemplo disso temos o Plano Nacional de Educação (PNE) para o decênio de 2011-2020, onde de acordo com o Projeto de Lei nº 8035/10, era para ser inserido essas temáticas na intenção “Implementar políticas de prevenção à evasão motivada por preconceito e discriminação à orientação sexual ou à identidade de gênero e étnico-racial, criando rede de proteção contra formas associadas de exclusão”, coisa que não foi seguida, já que em 2014 o PNE 2011-2020 foi aprovada sem a promoção de debates sobre assuntos como identidade de gênero e sexualidade nas escolas, tendo 20 metas para a melhoria da qualidade da Educação Básica e 4 (quatro) delas falam sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC).

Já referente a BNCC, apenas três competências abordam o assunto diversidade e direitos humanos nas competências gerais. Elas são: competência 7, competência 8 e competência 9, onde cita temas como diversidade humana, direitos humanos, diversidade de indivíduos e identidade.

E mesmo tendo esses assuntos diretamente relacionados a temáticas de diversidade e direitos humanos, mesmo assim poucas escolas optam por passar assuntos relacionados a gênero, sexualidade e muito pouco a questões raciais, algo também que vai de acordo com as diretrizes feitas pelas próprias instituições escolares.

## Formação de Professores e a Diversidade no currículo

Por muito tempo o professor foi visto como o transmissor de conhecimento e o estudante o receptor, diversas teorias pedagógicas reafirmam esse pensamento, como a pedagogia tradicional e pedagogia tecnicista, que são ligadas a tendência pedagógica liberal. A formação do docente de acordo com Libaneo (1995) é frágil no que consiste aos estudos das correntes pedagógicas, ou quase nunca corresponde à realidade da sala de aula, sendo assim, quando esse profissional chega na sala de aula acaba por reproduzir aquelas práticas de transmissor e receptor. A escola vai para além de apenas transmitir e receber conteúdos, conforme Libaneo (1995) o ambiente escolar deve voltar-se para problematizar as realidades sociais de classe.

O ensino vem para formar uma sociedade e dar a ela a oportunidade de ser formada de acordo com a relação que o sujeito terá, isso remete através da construção do ser enquanto cidadão. De acordo com Pontuschka (1996) se o professor de Geografia é um educador, como ele vai desenvolver uma prática pedagógica em uma sociedade com o índice de desigualdade elevado, esse professor tem o papel de demonstrar a leitura do mundo ao aluno, e não apenas informar os conceitos.

Na opinião de Castellar (1999) a formação do professor de geografia deixa muito a desejar, e que é necessário repensar as grades curriculares dos cursos de graduação, tentando abranger melhor os temas e levando a formação para um bom profissional. É preciso pensar sobre as grandes diferenças culturais, sociais dos sujeitos presentes nas escolas.

No dizer de Louro (1997) a escola delimita os espaços, ela separa, afirmando o que cada um pode ou não. Ainda também Foucault (1987) comenta sobre a disciplina que é imposta dentro das escolas “fabricando” corpos, seguindo um padrão com vestígios da militarização, e assim moldando corpos. Esse ambiente ainda pensa e trabalha na intenção de corrigir, construir, controlar, docilizar, disciplinar e modelar os corpos, para o padrão visto como ideal pela sociedade.

Então percebe-se que é urgente a melhoria curricular dos cursos de formação de professores, é necessário lutar pela discussão do tema diversidade já na graduação, para que o profissional chegue ao ambiente escolar preparado para lidar com essa diversidade cultural, sexual, racial, e de gênero, concordando com o que fala Neves (2009)

o processo de formação dos professores e professoras precisa estar atento a essas questões, para poder-se ter uma revolução da educação.

## O minicurso

O minicurso foi criado com a intenção de discutir essas temáticas já citadas e buscar contribuir com o debate geográfico teórico e metodologicamente no sentido de trazer novas possibilidades que nos permitam refletir e transformar para melhor o mundo em que vivemos. O esforço para trazer questões de gênero, sexualidade e as racialidades para o centro do debate na Geografia, principalmente brasileira, tem ganhado adeptos cada vez mais ao longo dos anos, por isso a incorporação da temática é um avanço bem produtivo, mas ainda é insuficiente para produzir e construir a visibilidade desses grupos sociais tradicionalmente excluídos do direito de produzir ciência.

A atividade iniciou com a exposição das temáticas tentando correlacionar a teoria e a prática. Foi observado durante todo o minicurso, a falta de preparo para esses temas durante a formação do professor de Geografia, levando assim o profissional a ter dificuldade de correlacionar essas temáticas dentro de sala de aula. A figura 1 representa um pouco do momento onde os palestrantes do minicurso apresentam as questões da Geografia da Diversidade e questionando aos participantes a forma como essas teorias são apresentadas no currículo escolar.

Figura 1: Discussão das temáticas levantadas para o minicurso



Fonte: SANTOS (2019)

Muitos dos participantes levantaram o grande desafio de trabalhar o tema devido ao conservadorismo, racismo, sexismo e patriarcado, tanto por parte da comunidade externa, quanto da própria comunidade interna das escolas, entretanto notou-se um grande interesse por parte dos integrantes.

Entre todos os participantes do minicurso apenas uma professora da rede pública disse já ter realizado cursos de especialização voltado para a questão étnico-racial e com alguma bagagem teórica-metodológica sobre o tema dentro da Geografia, porém a mesma assim como os demais, não possuía nenhuma formação por parte do curso onde obteve sua graduação.

A roda de discussão durou mais de 2 horas, após esse momento os participantes realizaram uma pequena atividade que tinha como intuito a construção de um boneco com sua visão de diversidade e que escrevessem frases comuns no seu dia a dia que refletem o preconceito enraizado na sociedade e no ambiente escolar, que no fim seria colado em um cartaz, montando o Mural da Geografia da Diversidade conforme mostra a figura 2.

Figura 2: Momento de produção dos Bonecos



Fonte: SANTOS (2019)

A produção do mural foi pensada no intuito de levar tudo o que foi discutido para uma prática, onde os participantes poderiam expressar como cada um via a diversidade no ambiente escolar e no seu dia a dia. Os bonecos entregues aos participantes, não possuía nenhuma expressão de gênero, o intuito era que cada um fizesse e manifestasse a expressão, identidade, sexualidade e gênero que quisesse. Na figura 3, temos o momento de produção do mural.

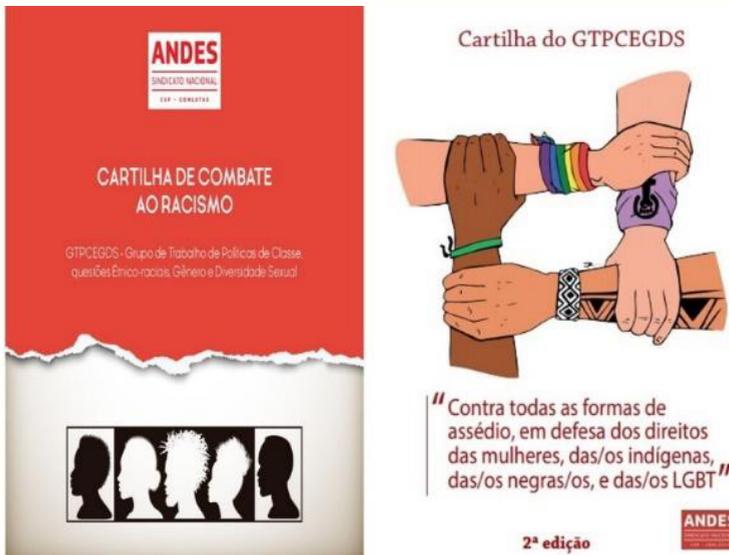
Figura 3: Organização do Mural



Fonte: SANTOS (2019)

Ao término do mural percebemos que algumas pessoas ficaram inquietas com o tema e sentiam a necessidade de aprimorar mais seus conhecimentos para poder melhorar sua prática docente, mas também observou-se a presença de pessoas contrárias às temáticas (que não manifestaram opinião durante o debate) e que não concordava com o debate, representando em sua frase o conservadorismo religioso e heteronormativo.

Figura 4: Cartilhas distribuídas



Fonte: ANDES, Elaborado por ANDRADE (2021)

Para finalizar o curso, foi distribuído aos participantes duas cartilhas obtidas através da Associação docente da Unemat (ADUNEMAT), sendo uma a Cartilha de Combate ao Racismo e a outra Contra todas as formas de assédio, em defesa dos direitos das mulheres, das/os indígenas, das/os negras/os, e das/os LGBT, conforme na figura 4. Ambas cartilhas são produzidas pelo Sindicato Nacional dos Docentes das Instituições de Ensino Superior (ANDES).

## Considerações finais

Então através das discussões realizadas foi possível perceber que há uma grande resistência por parte da comunidade escolar em relação a tratar temas como esses dentro das escolas, e uma grande falta de preparação para os professores. Temáticas como gênero e sexualidade são considerados impróprios, inadequados ou até mesmo desnecessário para a formação de um bom cidadão. Os currículos escolares, não só na disciplina de Geografia são heteronormativos e muitas vezes carregam traços da cultura racista presente na sociedade.

É urgente a necessidade da mudança dos currículos escolares e das formas pedagógicas utilizadas, para a construção de uma sociedade melhor e com cidadãos críticos e consciente que existe formas de amor, cor, raça diferentes daqueles padrões implantados pela elite dominante.

## Referências

BITTENCOURT, N. A. Movimentos Feministas. In: Revista InSURgência, Brasília: DF, ano 1, v.1, n.1. jan./jun. 2015.

CASTELLAR, S. M. V. A Formação de Professores e o Ensino de Geografia. In: Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB). As Transformações no Mundo da Educação: Geografia, Ensino e Responsabilidade Social. n. 14, São Paulo, 1999. p. 51-59.

DAVIS, A. Mulheres, raça e classe. 1 ed, São Paulo: Boitempo, 2016.

FOUCAULT, M. Vigiar e punir. 7 ed, Petrópolis: Vozes, 1987.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

LIBÂNEO, J. C. Democratização da Escola Pública. São Paulo: Loyola, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MINAYO, M. C. S (org.). et al. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 21. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Base Nacional Comum Curricular: Educação é a Base. Fundação Carlos Alberto Vanzolini. 2018.

NEVES, L. Uma Experiência de Prática Curricular Acerca das Diferenças de Gênero e Sexualidade. In: GRANDO, B. S. Corpo, Educação e Cultura: Práticas Sociais e Maneiras de Ser. Ijuí: Editora Unijuí, 2009. p. 207-224.

PONTUSCHKA, N N. Perfil do professor e o ensino / aprendizagem da geografia. In: Cadernos Cedes, n. 39, Campinas, 1996, p. 57-63.

PORTO-GONÇALVES, C.W; QUENTAL, P.A. Colonialidade do poder e os desafios da integração regional na América Latina. In: Polis Revista Latinoamericana, v.11. a. 31. 2012. QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Edgard Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. Setembro 2005. p. 227-278.

RATTS, A; COSTA, B. P; SILVA, J. M; ORNAT, M. H; SILVA, M. G. S. N; SILVA, S. M. V. Geografia e diversidade: gênero, sexualidade, etnicidades e racialidades. In: Revista da Anpege, v.12, n.18, 2016.

RIBEIRO, D. Pequeno Manual Antirracista. 1 ed, São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SCOTT, J. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. In: Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 15, n. 2. 1990.

SILVA, J. M. Geografias feministas, sexualidades e corporalidades: desafios às práticas investigativas da ciência geográfica. In: Espaço e cultura, UERJ: Rio de Janeiro, n.27, p.39-55, jan/jun, 2010.

SILVA, S. M. V. Geografia e gênero/Geografia feminista - O que é isto?. In: Boletim Gaúcho de Geografia, Porto Alegre: RS, n. 23, 1998.

TRIVIÑOS, A. N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Editora Atlas, 1987.